

Pisco enquanto ele agarra meus ombros e me puxa para cima até que eu esteja sentada com

minhas pernas dobradas para o lado. Só então percebo que ele está segurando um prato de madeira com algumas fatias de pão manchadas com algo brilhante e amarelo. Ele o abaixa e começa a desamarra minhas mãos.

"Prometa que vai se comportar e pode comer alguma coisa."

Concordo ansiosamente enquanto ele desamarra a corda. Meus pulsos doem por terem sido

presos por tanto tempo.

"Aqui", ele diz, entregando o prato para mim. "Vai fazer você se sentir melhor.

Você não deve beber vinho com o estômago vazio."

"Meu estômago não está vazio", consigo dizer enquanto pego o prato dele, minhas mãos tremendo, os músculos fracos. "A última coisa que comi foi sua mão."

Um fantasma de sorriso surge em seus lábios. É raro vê-lo sorrir —

por outro lado, nunca houve muito motivo para sorrir — mas quando ele sorri, mesmo que seja só um indício, ilumina todo o seu rosto, como se, naquele momento, ele não fosse mais um homem de sombras.

Você não deveria querer que ele sorrisse para você, digo a mim mesma e trago meu olhar

para o pão. Isso significa apenas que ele quer comer você.

"Você já comeu comida humana antes?" ele pergunta, e para minha surpresa, ele se senta

na minha frente no chão. "Você já comeu pão?"

Eu aceno. "Jorge às vezes me trazia restos do jantar, embora eu frequentemente compartilhasse com seu cachorro."

"Então, me diga: quem era esse Jorge?" ele pergunta. Ele está tentando soar casual, mas há uma tensão em sua voz.

É possível que ele esteja com ciúmes? Devo mentir?

Talvez um pouco.

"Jorge era alguém com quem fiz amizade", digo cautelosamente. "Um humano. Ele trabalhava no estaleiro do pai em um lugar chamado Acapulco. Ele disse que pertencia à Nova Espanha. Este lugar também pertence à Nova Espanha?" Eu gesticulo para a sala com o prato.

Priest concorda. "Estamos no Chile, mas é parte do mesmo império. É engraçado; você nunca perguntou onde está."

"Talvez nunca tenha sido importante até agora."

Talvez eu nunca tenha tido esperança de escapar até agora.

"Então, esse Jorge, ele te ensinou a falar?"

Eu concordo. "Ele ensinou. Nós nos encontrávamos todas as noites depois do jantar dele. Ele e sua

família moravam em um dos grandes navios. Nós nos encontrávamos no final de uma das

docas, fora da vista, ficávamos acordados a maior parte da noite juntos por um ano, no